

Renata Junqueira de Souza  
Berta Lúcia Tagliari Feba  
(organizadoras)

**LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA**  
REFLEXÕES E PROPOSTAS NA  
PERSPECTIVA DO LETRAMENTO

MERCADO<sup>®</sup>  
 LETRAS

**DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)**  
**(CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL)**

Leitura literária na escola: reflexões e propostas na perspectiva do letramento  
/ Renata Junqueira de Souza, Berta Lúcia Tagliari Feba (organizadoras). --  
Campinas, SP : Mercado de Letras, 2011.

Vários autores.

ISBN 978-85-7591-188-4

1. Educação de crianças 2. Leitura 3. Letramento 4. Literatura 5. Pedagogia  
6. Professores – Formação 7. Sala de aula – Direção I. Souza, Renata  
Junqueira de. II. Feba, Berta Lúcia Tagliari.

11-08048

CDD-370

**Índice para catálogo sistemático:**

1. Leitura literária para crianças : Educação 370

**Conselho editorial**

*Ângela Maria Franco Martins Coelho de Paiva Balça* (Universidade de Évora)

*Eloy Martos Nuñez* (Universidade de Extremadura)

*Norma Sandra de Almeida Ferreira* (Unicamp)

*Rildo Cosson* (CEALE)

*Marly Amarilha* (Universidade Federal do Rio Grande do Norte)

*Alice Áurea Penteado Martha* (Universidade Estadual de Maringá)

*Hércules Toledo Corrêa* (Universidade Federal de Ouro Preto)

*capa e gerência editorial:* Vande Rotta Gomide

*preparação dos originais:* Editora Mercado de Letras

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS EDIÇÕES E LIVRARIA LTDA.

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514

CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

[www.mercado-de-letras.com.br](http://www.mercado-de-letras.com.br)

[livros@mercado-de-letras.com.br](mailto:livros@mercado-de-letras.com.br)

1ª edição

**JULHO/2011**

*Impressão digital*

---

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.

É proibida sua reprodução parcial ou total  
sem a autorização prévia do Editor. O infrator  
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

## SUMÁRIO

- Prefácio  
LEITURA LITERÁRIA PARA CRIANÇAS  
BRASILEIRAS: DAS FONTES ÀS MARGENS . . . . . 7  
*Vera Teixeira de Aguiar*
1. LIVRO-BRINQUEDO, MUITO PRAZER . . . . . 13  
*Ana Paula Paiva*  
*Amanda Carla Minca Carvalho*
2. LENDO E BRINCANDO COM  
SEXTILHAS E OUTROS VERSOS . . . . . 49  
*José Hélder Pinheiro Alves*  
*Renata Junqueira de Souza*  
*Yara Maria Rocha Garcia*
3. A LEITURA DO LIVRO DE IMAGEM  
NA FORMAÇÃO DO LEITOR . . . . . 75  
*Fabiane Verardi Burlamaque*  
*Kelly Cristina Costa Martins*  
*Mayara dos Santos Araujo*

4.	ORALIDADE, FANTASIA E INFÂNCIA: HÁ LUGAR PARA OS CONTOS DE FADAS NA ESCOLA? . . . . .	97
	<i>Aletéia Eleutério Alves</i> <i>Ana Lucia Espíndola</i> <i>Caroline Sanchez Massuia</i>	
5.	TAMANHO NÃO É DOCUMENTO: TEORIA, CRÍTICA E PROPOSTAS DE ATIVIDADES COM NARRATIVAS CURTAS . . . . .	123
	<i>Fernando Teixeira Luiz</i> <i>Marcela Coladello Ferro</i>	
6.	A LEITURA E A ESCRITA NA ESCOLA: UMA EXPERIÊNCIA COM O GÊNERO FÁBULAS . . . . .	147
	<i>Silvana Ferreira de Souza</i> <i>Hércules Tolêdo Corrêa</i> <i>Tatiane Portela Vinhal</i>	
7.	NARRATIVAS MÍTICAS E A APROPRIAÇÃO DA LEITURA/ESCRITA LITERÁRIA: UMA PROPOSIÇÃO PRÁTICA . . . . .	183
	<i>Cyntia Graziella Guizelim Simões Giroto</i> <i>Mariana Revoredo</i>	
8.	LEITURA DE HISTÓRIA EM QUADRINHOS NA SALA DE AULA . . . . .	213
	<i>Flávia Brocchetto Ramos</i> <i>Berta Lúcia Tagliari Feba</i>	
	SOBRE OS AUTORES . . . . .	249

Prefácio

LEITURA LITERÁRIA PARA CRIANÇAS  
BRASILEIRAS: DAS FONTES ÀS MARGENS

**A** literatura infantil é um gênero recente na história da cultura ocidental. Ela só vai se fixar em fins do século XVII, quando Charles Perrault destina seus *Contos da Mamãe Gansa* aos jovens leitores, dando atenção a um público até ali sem contornos definidos. À medida que a sociedade moderna avança e as benesses do capitalismo dão origem à urbanização crescente e às estruturas econômicas mais complexas, as necessidades de alfabetização se impõem cada vez mais, pois da diversificação e da segmentação do trabalho resultam tarefas que exigem do sujeito domínio da leitura e da escrita no mundo letrado. As novas profissões dependem desses conhecimentos, uma vez que registros, normas, instruções e muitos outros atos comunicativos se fazem através do papel.

Porque tais práticas se tornam absolutamente imprescindíveis para a vida social e profissional, a escola alarga suas portas, acolhendo número agigantado de alunos, o que implica providências educacionais e didáticas atentas. Surgem, assim, as ciências voltadas ao

conhecimento da natureza infantil em seus vários aspectos e, especificamente, aquelas focadas na aprendizagem, nos modos como as crianças recebem e sedimentam os conteúdos, os comportamentos e os valores lhes são repassados para o exercício da vida adulta. Em se tratando de escola, nada importa mais do que o material de leitura e, daí, a presença constante na sala de aula dos textos impressos e, entre eles, os literários. No início, adaptado das obras adultas de sucesso ou resgatado do folclore para os livros, o acervo de literatura logo recebe a companhia de produções especificamente escritas para a infância e se impõe no cenário cultural, social e educativo.

O movimento, como vemos, atrela, desde as suas origens, a literatura infantil à educação. O fato torna-se problemático quando a leitura da obra literária se faz apenas sob o viés da pedagogia, isto é, torna-se pretexto para o ensino de uma disciplina curricular, privilegiando a função de instrumento para um fim alheio às propriedades singulares da criação artística (quando, por exemplo, sua leitura se realiza para o estudo da história, das ciências sociais, da higiene, da religião etc.). O uso do texto literário adquire, então, um caráter exemplar e tem sua especificidade anulada enquanto arte. É preciso, pois, uma correção de rumos, no sentido de propiciar às crianças experiências de leitura enriquecedoras, em que a literatura se mostre como uma realidade possível, ativadora da imaginação e do conhecimento do outro e de si mesmo. Para tanto, importa criar situações de leitura fundadas na liberdade de escolha e no ludismo, alicerçadas em bases teóricas sólidas sobre o gênero literário em questão, o processo de leitura, as características emocionais e cognitivas infantis e a metodologia de trabalho mais adequada.

No Brasil, as produções destinadas aos pequenos remontam ao final do século XIX e adquirem maioridade com Monteiro Lobato, a partir da década de 1920. Como a teoria, a crítica e a história são construções posteriores ao objeto (no caso, a literatura infantil), essas áreas só se desenvolvem nas últimas décadas do século XX,

embora despertem a atenção de professores e pesquisadores há mais tempo. São os casos de Cecília Meireles, com *Problemas da literatura infantil*, coleção de palestras dirigidas aos professores e publicadas em 1951, e de Leonardo Arroyo, com *Literatura infantil brasileira: ensaio de preliminares para a sua história e suas fontes*, exaustivo levantamento comentado das criações existentes até ali, editado em 1967.

A partir da década de 1970, o desenvolvimento dos cursos de pós-graduação no País estimula os estudos desse campo do conhecimento, amparado pelas novas conquistas teóricas, como as formulações da estética da recepção e da sociologia da leitura. Paralelamente, o ato de ler na escola, proposto pelas diretrizes oficiais de ensino de 1972, dá margem ao crescimento do mercado editorial e à circulação de larga gama de títulos entre os leitores iniciantes. Se o quadro é alentador para os setores econômico e educacional, é também desafiador para a pesquisa acadêmica, que abre espaço aos temas decorrentes da ebulição que vive esse meio. São abordadas, desde então, questões relativas aos interesses de leitura infantil, às propostas curriculares, aos métodos adotados intra e extraclasse, às histórias de leitura, às avaliações críticas e históricas dos textos literários, ao papel dos mediadores.

O livro que temos em mãos ocupa-se, justamente, de alguns dos assuntos relacionados, abrindo, no entanto, suas margens para gêneros até há pouco não contemplados. As histórias em quadrinhos e os livros de imagens convivem com os contos de fadas e as fábulas, os livros-brinquedo e as narrativas curtas ficam ao lado dos poemas populares e dos mitos, isto é, as novas modalidades literárias e artísticas dialogam com as fontes mais arcaicas da literatura infantil, aquelas que, desde os primórdios, mais agradam ao público. Tal fato é sintomático, uma vez que as criações recentes são também sucesso absoluto entre as crianças de hoje.

A combinação que os pesquisadores promovem entre espécies literárias tão distantes no tempo leva-nos a refletir sobre os

processos de criação e de apreensão da arte. As primeiras expressões nessa direção nascem da vivência espontânea do grupo, que canta, recita, desenha, pinta e dança, em um espaço em que todos confraternizam em igualdade de condições. Quando essas manifestações passam a ser codificadas, há como que um enrijecimento cultural, porque os novos códigos não dão conta das infinitas possibilidades da comunicação face a face. Queremos deduzir, pois, que a escrita dos contos de fadas e das fábulas, como dos poemas e dos mitos, se certamente garantiu sua continuidade, não deixou de guardá-los em formas fixas dentro dos livros.

As criações recentes, de que se ocupa essa publicação (as histórias em quadrinhos, os livros de imagens, as narrativas curtas e os livros-brinquedo) como que rompem com os limites do livro, valendo-se do cruzamento de códigos vários para contar uma história e promover uma experiência de leitura lúdica às crianças. Nesse sentido, elas quebram os protocolos tradicionais e apontam para outras alternativas de interação entre textos e leitores. De certo modo, há uma recuperação da relação original do ser humano com a arte: novas linguagens que se aliam às palavras são feitas de cores e formas, luzes e sombras, movimentos e balões, alterando o conceito de livro infantil e restaurando a liberdade do contato prazeroso com o objeto estético. Talvez aí residam as razões de terem caído tão bem no gosto do público.

Os autores aqui reunidos, no entanto, não se limitam a indicar a leitura de novos livros, apoiados na aceitação pelos leitores. Mais que isso, delineiam o estatuto teórico dessas produções e, a partir de bases sólidas, oferecem atividades alternativas de abordagens dos textos na escola. Significa que estão a par das conquistas científicas da área, no que se refere ao estatuto do gênero para a infância, às características das diferentes modalidades e às sugestões metodológicas inovadoras. Assim, temos “Leitura de história em quadrinhos na sala de aula”, “A leitura e a escrita na escola: uma experiência com



o gênero fábulas”, “Oralidade, fantasia e infância: há lugar para os contos de fadas na escola?”, “A leitura do livro de imagem na formação do leitor”, “Narrativas míticas e a apropriação da leitura/escrita literária: uma proposição prática”, “Tamanho não é documento: teoria, crítica e propostas de atividades com narrativas curtas”, “Lendo e brincando com sextilhas e outros versos” e “Livro-brinquedo, muito prazer”, estudos que aliam visão histórica e analítica ao fazer escolar em sua melhor destinação, a de formar um ser humano sensível, imaginativo, criativo e crítico, senhor de si e participante da sociedade em que vive.

A convivência entre obras diversas, antigas e modernas, como os contos de fadas, as fábulas, os livros de imagens, as histórias em quadrinhos, os mitos, as narrativas curtas, os poemas e os livros-brinquedo, e entre teoria e prática, tem, portanto, como saldo um material de apoio ao professor que certamente ampliará as possibilidades de trabalho, sempre ancorado no conhecimento teórico e analítico do leque de textos escolhido para levar às crianças. Por isso, este livro será de grande valia para todos os professores preocupados com a missão de difundir a leitura literária entre as novas gerações.

*Vera Teixeira de Aguiar*  
PUC-RS